

## LITERATURA AFRO-FEMININA DE LÍVIA NATÁLIA E O DES-SILECIAMENTO DA MULHER NEGRA

Joelia de Jesus Santos<sup>1</sup>  
Roberto Henrique Seidel<sup>2</sup>

### Resumo

Discute-se neste trabalho a literatura afro-feminina de Lívia Natália enquanto instrumento de combate às formas de dominação da mulher negra na sociedade brasileira, destacando as especificidades do feminismo negro e a sua importância para a emancipação deste segmento social, pouco representado nas pautas feministas tradicionais. A partir da obra *Água negra e outras águas* (2016), objetivou-se identificar de quais maneiras a autora representa o corpo negro feminino nos poemas “Espelhos” e “Uma ferida por todas”, investigando em que medida seus poemas irrompem silêncios, a fim de inferir a respeito da postura engajada da poeta. Trazendo uma representação do corpo feminino sob o ponto de vista da mulher, a escritora mostrou o quanto o racismo e machismo são violentos em sua manifestação inconsciente ou materializada. Também defende uma desobediência de ordem política por parte dos oprimidos, no sentido de estar fora do lugar convencionado pela sociedade. Trata-se de uma escrita que faz ecoar muitas vozes, os gritos daquelas impedidas de falar por si. Para entender o conceito de feminismo negro pautou-se nas ideias das intelectuais bell hooks e Patrícia Collins; a escrita afro-feminina, por sua vez, está fundamentada no pensamento de Conceição Evaristo, Miriam Alves e da própria Lívia Natália.

**Palavras-chave:** Literatura afro-feminina. Feminismo Negro. Mulher negra.

### Abstrait

Cet article traite de la littérature afro-féminine de Lívia Natália comme un instrument pour combattre les formes de domination des femmes noires dans la société brésilienne, en soulignant les spécificités du féminisme noir et son importance pour l'émancipation de ce segment social, peu représenté dans les lignes directrices féministes traditionnelles. De l'oeuvre *Água negra et autres eaux*, visant à identifier de quelle manière l'auteur représente le corps noir féminin dans ses textes littéraires, enquêter sur la mesure dans laquelle ses poèmes émergent silences afin de déduire sur la position engagée du poète. Apportant une représentation du corps féminin du point de vue de la femme, l'écrivain a montré comment le racisme et le machisme sont violents dans leur manifestation inconsciente ou matérialisée. C'est une écriture qui fait écho à beaucoup de voix, les cris de ceux qui sont incapables de parler pour eux-mêmes. Pour comprendre le concept du féminisme noir était basé sur les idées des intellectuels bell hooks et Patricia Collins; D'autre part, l'écriture afro-féminine est basée sur les pensées de Conceição Evaristo, Miriam Alves et Lívia Natália elle-même.

**Mots-clés:** Littérature afro-féminine. Féminisme noir. Femme noire.

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Endereço eletrônico: josantos\_17@hotmail.com.

<sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Endereço eletrônico: rseidel@uneb.br.

## Introdução

Se há algumas décadas as mulheres negras eram exceção no círculo literário, a contemporaneidade tem revelado uma gama de escritoras que produziam, mas seus textos ficavam engavetados devido a dificuldades quanto à publicação e quanto a não estar autorizada a ocupar a posição de escritora. Com o surgimento de movimentos feministas em final do século XIX início do século XX, bem como plataformas digitais e editoras alternativas, elas puderam trazer à lume textos ficcionais de extrema importância para a literatura brasileira, no tangente à abordagem peculiar de temas relacionados à experiência do negro no Brasil.

Nessa perspectiva, este trabalho se debruçou sobre a escrita de autoria negra feminina enquanto instrumento de combate às discriminações raciais e de gênero, a partir da obra *Água negra e outras águas*, publicada em 2016 pela editora Caramurê, de autoria de Livia Natália<sup>3</sup>. Deste livro, dentre os 44 poemas dispostos nas seções Odu Omin, Marés sem fim, Desaguar e Outras Águas, foram analisados cinco poemas a saber: Espelho; Uma – ferida – por todas; Canção do Silêncio; Oriki para Osun e 111 tiros, 111 presos, 111 negros. Na seleção priorizou-se aqueles poemas que dialogassem de modo mais estrito com o tema abordado em cada tópico estabelecido neste estudo.

Objetivou diferenciar o movimento feminista do feminismo negro, deixando claro as especificidades de ambos e o porquê faz-se necessária esta diferenciação. Também buscou identificar de que maneira o corpo negro feminino é representado na literatura afro-feminina e investigar como Livia Natália rompe com o silenciamento imposto às mulheres nesta sociedade patriarcalista. Para tanto, as autoras bell hooks (2015), Constância Duarte (2014) e Patrícia Collins (2016) ajudaram esclarecer o conceito de feminismo negro.

Assim, o presente estudo reconhece que a literatura afro-feminina além de apresentar uma nova forma de se pensar o universo feminino, oportuniza uma abordagem interseccional de gênero, de raça e de classe que mostra seu compromisso em combater toda e qualquer força opressiva capaz de subjugar a mulher. Afinal, a luta por uma

---

<sup>3</sup> Além de escrever, leciona na Universidade Federal da Bahia (UFBA). *Água Negra*, livro publicado em 2011, foi sua primeira coletânea de poemas de muitas que traria à público. É autora das obras: *Correntezas e Outros Estudos Marinhos* (2015); *Dia bonito pra chover* (2017) e *Sobejos do Mar* (2017).

sociedade equânime requer aliados dos diversos segmentos sociais, independente do sexo ou pertencimento étnico, em prol de um mundo menos desigual.

## **1 Feminismo negro, uma vertente do movimento feminista**

Em 1851 a ex-escrava estadunidense Sojourner Truth proferiu um discurso crucial na Women's Rights Convention<sup>4</sup> em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851, mostrando como ela e muitas outras com o seu perfil eram tratadas na sociedade. Diante de clérigos contrários aos direitos das mulheres, por concebê-las frágeis, intelectualmente débeis – portanto, incapazes de gozar dos mesmos direitos que os homens –, Sojourner Truth questiona tais concepções. Ela aponta contradições na ideia de mulher frágil dizendo que, apesar de afirmarem a necessidade de as mulheres receberem ajuda para subir em uma carruagem, ou serem carregadas para atravessar valas, ninguém nunca a ajudou, e se, por conta disto, não seria uma mulher, indaga.

Neste mesmo discurso reproduzido pelo *Geledés*<sup>5</sup>, Sojourner Truth diz que trabalhou tanto quanto qualquer homem e suportou o açoite de igual maneira, teve treze filhos e os viu serem vendidos para a escravidão sem que ninguém compadecesse de sua dor de mãe, e ela não é uma mulher? De forma breve, esta fala histórica justifica o porquê de se criar uma vertente dentro do movimento feminista, que possibilitasse pensar outras questões senão exclusivamente a de gênero. Raça e classe também são categorias importantes para compreender a opressão feminina e suas inúmeras faces no âmbito das diversas culturas, já que “a luta de classes está indissoluvelmente ligada à luta para acabar com o racismo” (hooks, 2015, p. 196).

O feminismo reconhece as mulheres como seres humanos plenos, capazes de desenvolver qualquer atividade humana, desde as simples até as mais complexas e pode ser entendido tanto como uma ideologia quanto um movimento político global empenhado por mudanças na relação social entre homens e mulheres, sem que um grupo tenha autoridade sobre o outro. Em um sentido amplo, define-se feminismo como “todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou

---

<sup>4</sup> Convenção dos Direitos das Mulheres

<sup>5</sup> Organização fundada em 30 de abril de 1988 pela sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres negros, para combater o racismo e sexismo na sociedade brasileira.

que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual ou de grupo” (DUARTE, 2004, p. 197), conceito com o qual este trabalho comunga.

Ressalta-se, porém, o caráter nada universal e unitário do movimento feminista. Cada grupo feminino guarda as suas especificidades, devido às experiências históricas singulares. “Rigorosamente, não existe um só feminismo, pois há diferenças de bandeiras levantadas, de ênfase posta numa ou noutra reivindicação, de estratégias de luta” (SAFFIOTI, 1987, p. 93). As mulheres negras, por exemplo, sempre trabalharam fora de casa, às vezes desempenhando funções pesadas por serem consideradas fortes, tão ou igual aos homens nesse aspecto, conforme ficou explícito na fala de Sojourner Truth. Portanto, a emancipação da mulher negra advirá antes do acesso ao estudo que pelo trabalho.

Assim, segundo Collins, o uso da expressão feminismo negro serve para desestabilizar o racismo inerente ao feminismo enquanto ideologia e movimento político somente de brancas, como se elas fossem as únicas feministas no mundo. Nessa perspectiva, “o pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 101), a fim de criar pautas condizente com as necessidades delas, uma vez que possuem vivências completamente diferenciadas do grupo feminino dominante.

No feminismo tradicional protagonizado por mulheres brancas a luta se dá quase que, unicamente, em torno do direito igual para os gêneros, ao contrário do feminismo protagonizado por mulheres negras, que além de defender esta pauta maior, defende outras igualmente importantes. Exemplo disso é luta pelo empoderamento estético-negro; pelo fim da opressão da mulher branca contra a mulher negra; pelo combate ao racismo e, sobretudo, pela erradicação de privilégios.

A criação de uma vertente feminista negra justifica-se pela multiplicidade de opressão a que as mulheres afrodescendentes estão sujeitas, pois, “o sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade” (hooks, 2015, p. 197). Basta observar a condição social das mulheres brancas, acima dos homens negros, o que prova porque o feminismo não pode separar gênero de raça, mas trabalhar a linha tênue existente entre esses dois mecanismos de dominação.

Apesar de oprimidas pelo sexo, as mulheres brancas também oprimem na medida em que a sua raça e classe lhes permite subordinar mulheres negras, as quais nunca puderam contar com a solidariedade feminina daquelas que se diziam lutar pela libertação das mulheres, quando na verdade lutam para manter seus privilégios. Conforme Saffioti (1987), a questão da mulher negra deveria ser central em todas as lutas feministas que realmente visassem a destruição do patriarcado, racismo e capitalismo, todavia o jogo de interesses por trás do feminismo impede a unificação de projetos díspares, tal e qual evidencia o excerto:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil (CARNEIRO, 2003, p. 120).

Sendo assim, enegrecer o feminismo significa evidenciar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista, enquanto colaboradoras e coautoras do projeto político emancipatório e não apenas coadjuvantes desse processo. Por isso, de acordo com Carneiro, faz-se necessário combater sexismo e racismo para que se tenha uma luta coerente do ponto de vista moral. Para tanto, faz-se necessário criar uma identidade de gênero que não anule as outras identidades, mas possa coexistir harmoniosamente.

## **2 Literatura afro-feminina e suas especificidades**

A literatura afro-feminina está inserida na literatura afro-brasileira que, por sua vez, se insere na literatura brasileira. Embora polêmicas, tais distinções são necessárias para demarcar o lugar de fala dos autores(as) marginalizados(as) ou privilegiados(as) em detrimento da raça e do gênero, no discurso literário. Em vista disso, Evaristo (2009) tem afirmado não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também uma vertente literária negra feminina que se contrapõe a hegemonia branco-normativa de literatura.

A ausência de escritoras negras no cânone literário brasileiro, consoante Santos (2011), deve-se muito mais aos processos de invisibilização e minoração do valor estético

de seus textos que qualquer questão relativa à sua potência criadora. A crítica literária deslegitima a escrita afrodescendente que busca a afirmação da identidade negra, conforme West (1994), pautada no respeito e consideração por si mesmo, fazendo emergir das margens vozes ecoantes, insurgentes das letras, sob o pretexto de ser afro-centrada demais para passar pelo filtro ideológico dos críticos de literatura.

No Brasil, de acordo com Alves (2011), ser escritora é romper com o silêncio na tentativa de redefinir as funções preestabelecidas e especialmente fazer representações de si. “É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se (ALVES, 2011, p. 183). Ao escrever as mulheres negras deixam de ser o outro dos discursos, ampliam o significado da escrita feminina revelando subjetividades únicas.

Apesar das divergências quanto a abordagem de temas relativos à feminilidade, a literatura afro-feminina se aproxima da literatura afro-brasileira no que tange ao tom de protesto e denúncia, sendo constante nos textos literários de mulheres a representação de personagens negras sedutoras, menos pelos aspectos físicos e mais pela coragem de enfrentar os sistemas opressores com vista à emancipação feminina em sua coletividade. Nessas produções literárias, as mulheres negras sentem-se livres para tratar de seus dilemas, serem senhoras de si, donas das próprias vontades, e, deste modo:

pelo projeto literário afro-feminino, desenham-se discursos em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, forjam uma escrita em que (re) inventam sentidos, para si e para outros/as, e se cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros (SILVA, 2010, p. 100)

Ou seja, nas produções literárias afro-feminina são construídas visões novas sobre a mulher, sem recorrer aos estereótipos convencionais da sociedade, validados na literatura instituída. Isto posto, as escritoras negras ressignificam as narrativas de si, apresentando-se de dentro para fora, contrapondo, desta maneira, o olhar objetável da figura masculina. Ressalta-se, porém, que a literatura afro-feminina não se configura por tentar se sobrepor àquela produzida por homens, nem tampouco pelo seu estilos, forma ou simplesmente por ser escrita por mulheres.

O que faz a literatura ser afro-feminina são as temáticas, os discursos e sobretudo as representações do universo feminino. Em suma, “uma escrita feminina traz, para a cena da lírica, o universo da mulher não apenas como tema, mas como opção estética, como uma espécie de gramática poética” (SANTOS, 2011, p. 118). Nota-se, então, a peculiaridade da literatura de autoria negra feminina para que assim seja classificada pelas escritoras afro-brasileiras.

### **3 O corpo negro representado em *Água negra e outras águas*: Livia Natália escrevendo sobre si**

Em conformidade com os princípios ideológicos da literatura afro-brasileira, a escrita afro-feminina de Livia Natália traz uma discussão acintosa de diferentes temas relacionados às vivências dos afro-brasileiros. Entretanto, dada a análise que se pretende fazer, ater-se-á, neste momento, àquelas voltadas ao corpo negro. Busca-se refletir sobre o objeto corpo nos textos literários, não somente como um elemento da cultura, mas também, “um lugar *prático* direto de controle social” (BORDO, 1997, p. 19), mostrando a forma como é construído nas narrativas contemporâneas de mulheres negras.

No livro *Água negra e outras águas*, desenha-se um corpo de múltiplas significações, o qual, ao ser ficcionalizado, passa a assumir linguagem própria. Partindo do seu lugar de negra e mulher na sociedade, Livia Natália produz uma escrita engajada que reconstrói a imagem do corpo feminino negro, de modo a questionar os arquétipos e estereótipos construídos pela cultura patriarcal. O poema “Espelhos”, inserido na seção “Odu Omin” da referida obra, expressa isto.

Antes minha mãe era aquela que chegava e saía para o trabalho.  
Que ria de bochechas rebrilhantes,  
que escaldava roupas brancas no fogo,  
que alimentava a casa e fazia girar a grande roda da vida.

Agora não,  
Cada vez mais eu reconheço nela uma mulher  
Como eu.

Vejo seus seios bonitos,  
suas curvas dobradas em gorduras macias,  
suas mãos em gestos de silêncio,



seu olhar dançando pardo no mundo.

Minha mãe, antes de sê-lo, é uma mulher.

Seu corpo o denuncia.  
E eu sou não apenas filha,  
Mas a prova mais poderosa de seu feminino frutificado.  
(NATÁLIA, 2016, p. 27).

Os papéis exercidos pelas mulheres – seja o de dona de casa, seja o de prestadora de serviços – apagam os traços que as tornam femininas, essa é a crítica do eu poético, que, ao olhar para a mãe descobre o quão se parecem, não pela lida do dia a dia, mas pelas marcas do corpo. Esta mãe, conforme depreende-se com o texto, possui características de feminilidade muitas vezes apagadas em razão do papel social a ela destinado, sendo objetivo da poeta mudar tal visão, como já prenunciava o título sugestivo “Espelhos”.

Escrevendo sobre si, a autora do poema deixa suficientemente claro, o seu posicionamento frente às questões de gênero, visto que “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por quê, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Através do verso “Minha mãe, antes de sê-lo, é uma mulher” ela reafirma esta condição feminina evidenciada no corpo, fazendo emergir outras formas de se conceber o feminino. Neste sentido, Lívia Natália problematiza como as identidades podem se complementar, ao invés de anular uma a outra.

Na seção “Outras Águas” do mesmo livro, o poema “Uma – ferida – por todas”, vem criticar a cultura do estupro intrínseca na sociedade brasileira, que desde a colonização naturalizou a violência sexual, quando as índias e africanas eram abusadas pelos invasores do Brasil corriqueiramente, sob o conhecimento das autoridades. Destes abusos resultou o povo brasileiro, o qual de acordo com Munanga (1999), surgiu do cruzamento de uns poucos brancos com multidões de mulheres índias e negras” (p. 103) A objetificação do corpo feminino, tratado como mero objeto de prazer para outrem, é reflexo desse autoritarismo histórico, por isso os homens se sentem no direito de saciar seus desejos independente de ter o consentimento da vítima.

{ Ontem acordei com um trava língua na alma.  
Convencida da gravidade, fui a um médico }  
[...] Diga trinta e três!  
Trinta e três tigres.



Cruéis, imensos e demasiadamente humanos.  
Tigres.  
Tristes, triste...  
Nunca mais diga: trinta e três (NATÁLIA, 2016, p. 87).

O poema transcrito faz uma alusão ao estupro coletivo, mais especificamente ao caso da jovem de 16 anos de idade violentada por aproximadamente 30 homens, em uma comunidade do Rio de Janeiro, em 2016. Bastante repercutido na mídia, devido ao grau de crueldade dos estupradores, este fato causou indignação em muitos brasileiros, inclusive em Lívia Natália. Ficcionalizando, foi a maneira encontrada pela escritora para externar seu repúdio ao machismo autoritário que continua vitimando as mulheres.

Seguindo a dinâmica do trava-língua com o qual dialoga, a poeta cria uma simbologia para o número trinta e três. Os trinta e três tigres são os homens que abusaram da jovem carioca, com a mesma ferocidade do animal comparado. O número trinta e três passa a representar estupro, não podendo mais ser dito conforme sugere ao final do poema. Servindo-se da linguagem poética, Lívia Natália transmuta as palavras conferindo a elas novos sentidos, por vezes revestindo de poesia aquosa de que são feitos seus versos.

Constatou-se nas análises dos poemas a representação de corpos violados, esvaziados de subjetividades, algo que as mulheres ainda estão construindo. O poema “Espelhos” traz um corpo cuja feminilidade fora expropriada pela posição social ocupada no contexto das relações de gênero, já o poema intitulado “Uma ferida por todas”, revela um corpo transformado em depósito de esperma. Nos dois textos poéticos, há violências, dominação, marcas próprias do sistema patriarcalista retratado por Lívia Natália.

#### **4 Poética de resistência, irrompendo silêncios**

Palavras são armas, e Lívia Natália vale-se delas em seus versos para resistir ao silenciamento lhe imposto por esta sociedade de verve racista e patriarcal. A luta armada da referida poeta acontece no campo literário, onde o simbólico e o real se cruzam. Irrompendo silêncios, Lívia Natália faz-se ouvida através de seus escritos poéticos, cujas vozes dizem respeito à coletividade de mulheres, de modo geral, segundo Moreira (2015), excluídas dos meios de produção em consequência de uma suposta inferioridade.

O poema “Canção do silêncio” inserido na seção “Marés sem fim”, da obra *Água negra e outras águas* (2016), aqui em estudo, evidencia de que modo Livia Natália tem vociferado contra o domínio masculino sobre as mulheres. Utilizando-se de figuras de linguagem comuns à poesia, a autora correlaciona a vida da cigarra com a figura feminina, dando ao seu texto um caráter feminista, na medida em que reconhece a necessidade de des-silenciar os sujeitos impedidos de manifestar seus anseios.

[...]  
Amigo,  
aprenda agora  
que a cigarra não morre cantando.

Jamais.

Dentro dela vive uma ferida sem remédio,  
ela abriga no seu ventre  
um corte nascido de dentro,  
que dilacera as entranhas.

No seu ventre moram medos insondáveis.  
É um corte que sangra alto  
Toda cigarra,  
como eu  
morre gritando! (NATÁLIA, 2016, p. 61 )

Nestes versos, Livia Natália pluraliza as significações de seu texto a partir de combinações linguísticas que mexem com o imaginário do leitor. O termo cigarra utilizado no sentido figurativo, denota o quanto as mulheres se aproximam deste animal aparentemente frágil, contudo, dona de canto tão estridente, em se tratando de resistência às formas de poder opressor. Ao dizer que toda cigarra igual a ela morre gritando, a poeta implicitamente está se referindo às feministas, que vêm dizendo não ao emudecimento histórico imposto às mulheres gritando bem alto o que é melhor para elas, ao invés de concordar como outrora, com o determinado pelos seus algozes.

Em “Oriki para Osun<sup>6</sup>”, Livia Natália traduz a complexidade de ser mulher, através de versos concisos, mas cheios de significados. Para saudar a sua mãe Osun, escreveu: “O rio se cala/mas há quem não saiba/que ele é fundo (NATÁLIA, 2016, p. 75). Este poema da seção “Desaguar”, foi escrito com a finalidade de mostrar que, como um

---

<sup>6</sup> Saudação em iorubá para orixá Oxum, rainha da água doce cultuada nas religiões afro-brasileiras.

rio, embora no silêncio a mulher movimenta-se contra o “império patriarcal”, pois corrói sorrateiramente as barreiras responsáveis por mantê-la distante dos espaços de poder, através de uma resistência consciente e adequada para criar fissuras capazes de conduzi-la à igualdade pela qual vem lutando os movimentos feministas.

É de praxe no Brasil romantizar a violência com justificativas injustificáveis quando os corpos violentados são negros e femininos, isso porque no período escravocrata “o negro escravizado vivia como se fosse um animal [...] e pelas Ordenações do Reino podia ser vendido, trocado, castigado, mutilado ou mesmo morto sem que ninguém ou nenhuma instituição interferissem em seu favor” (MOURA, 1992, p. 14). Por isso, hoje, apesar de haver no país um genocídio da população negra, a sociedade, ao invés de se mobilizar contra, tenta encontrar motivos para defender tamanha atrocidade.

Amanhã uma bala perdida atingirá o meu peito.  
Serei apenas outra negra perdida  
Ante a bala encontrada.  
Da viatura, gritarão que transportávamos droga,  
Que atiramos com armamento pesado,  
Que reagimos e tombamos.  
[...]  
Reagimos, sim! Desobedecemos:  
Uma mulher me confundiu com a empregada  
Me apontando o elevador,  
Eu a matei. (NATÁLIA, p.93, 2016).

O poema intitulado “111 tiros, 111 presos, 111 negros”, presente na seção “Outras Águas”, acima transcrito, é o retrato social do Brasil pós-abolição. Nada parece ter mudado para os descendentes de africanos com fenótipo negroide, senão a maneira com que sofrem o niilismo. Em vista disso, Livia Natália critica o tratamento dado às mortes em circunstância parecida a de Claudia Silva Ferreira, assassinada em 2014; apenas mais uma negra ante a bala do Estado.

A poeta Livia Natalia ressignifica o sentido de reagir, mostrando o lado positivo da desobediência. Foi desobedecendo que ela e muitas outras mulheres negras puderam galgar posições diferentes daquelas destinadas às pessoas com o seu perfil estético. Assim a morte real se torna simbólica no último verso do poema em análise. A autora contesta os argumentos utilizados para justificar a violência contra a população negra, afirmando

uma desobediência de ordem transcendental construída na mobilidade, ao invés do embate físico desproporcionado.

## Conclusão

O feminismo deve ser concebido em sua multiface. A ideia de universalidade do movimento feminista diante das especificidades dos distintos grupos de mulheres torna-se insustentável, por isso pluraliza-se o termo para não incorrer no erro de homogeneizar as experiências femininas, sem considerar as marcas culturais, históricas, sociais, econômicas e políticas *sui generis* de cada segmento feminino. Dentro desses feminismos, encontra-se aquele qualificado como negro, em razão do interesse de problematizar a relação dos vários mecanismos de dominação que recaem sobre a mulher negra.

O que se quer com uma literatura afro-feminina é justamente mudar o modo de compreensão do feminismo. As escritoras negras através de seus textos se propõem a construir uma nova discursividade sobre a mulher não branca, tanto na literatura quanto no imaginário cultural dos brasileiros. Lívia Natália, especificamente, desenvolve práticas antirracistas e antimachistas, ou melhor, antidiscriminatórias que no sentido do projeto de sociedade defendido em seu livro *Água Negra e Outras Águas*.

Na obra citada, Lívia Natália expõe corpos violados ora pelo machismo ora pelo racismo, não só com o intuito de fazer a denúncia, mas também de discutir temáticas absolutamente fundamentais para reconfiguração do modelo de relações de poder que está posto. É necessário criar outra estrutura social capaz de lidar com as diferenças sob o prisma da equidade, sendo responsabilidade de todos a tarefa de reinventar para além das ideologias um mundo menos verticalizado.

Utilizando-se do protesto artístico, Lívia Natália irrompe silêncios visibilizando as invisibilidades dos marginalizados, uma vez que a arte tem múltiplas funções e possibilita fazer da linguagem um instrumento emancipatório. Portanto, a literatura pode ser interpretada como uma forma de expressão eficiente para tratar a realidade de modo crítico-reflexivo, sem perder sua beleza estética, nem o seu caráter criativo- imaginativo.

## Referências

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência. **Revista da ABPN**. v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, volume 17, p.117-132, set. 2003. Disponível em:  
<<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948/11520>>. Acesso em: 15/03 de 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, volume 31, nº 1, p. 99-127, jan/abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>>. Acesso em: 19/03 de 2018.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura: discurso e história. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 195-219, 2004. Disponível em:  
<<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 15/03 de 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em:  
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 24/03 de 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº16, p193-210, jan./abr. 2015. Disponível em:  
<<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/15309/10931>>. Acesso em: 27/03 de 2018.

JAGGAR, Alison M. ; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Trad. Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

LÍVIA, Maria Natália de Souza Santos. Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, n. 12, p. 105-124, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/1487/pdf>>. Acesso em: 05/04 de 2018

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Reescrita de si: produções de escritoras sublaternizadas em contexto de políticas culturais. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 1, p. 71-88, 2015. Disponível em:  
<<http://www.forumdeliteratura.com.br/artigos/artigos-13-edicao>>. Acesso em: 24/04 de 2018.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NATÁLIA, Livia. **Água negra e outras águas**. 2 ed. Salvador: EPP, 2016.

PINHO, Osmundo. E não sou uma mulher? **Geledés**, 08/01/2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> Acesso em: 19/04 de 2018.

SAFFIOTI, Heleith I. B. **O poder do macho**. 11ª impr. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. **Via Atlântica**, São Paulo. nº 18, dez. 2010.

WEST, Cornel. **Questão de raça**. Trad. Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.